
“HÁ MUITOS E MUITOS ANOS...”: DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS À FORMAÇÃO DE LEITORES MIRINS

Fernanda Salla Brandini ☎ 0000-0001-7204-3809

Me. Gean Carlos Royer ☎ 0000-0002-9284-0378

Dra. Dantielli Assumpção Garcia ☎ 0000-0002-8834-2253

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO: O respectivo trabalho apresenta, uma discussão acerca do papel da leitura e contação de histórias para a formação de leitores e como esse instrumento pode ser utilizado pelos professores em sala de aula. Bem como, descrevemos em forma de relato de experiência, a participação e a atuação dos autores, como contadores de histórias, no projeto de extensão intitulado de “Era uma vez: a arte de encantar crianças pela contação de histórias.” Realizado entre as datas de 09/09 a 14/10 de 2019, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE e no Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI Clarisse Paganini, no município de Cascavel - PR. O projeto teve por objetivo desenvolver atividades que estimulassem a imaginação e despertassem o interesse pela leitura nos pequeninos. Assim sendo, a contação de histórias foi elencada como atividade fundamental na aplicação do projeto. A mesma despertou grandes comoções e participações por parte das crianças que a cada parágrafo ansiavam pelos desfechos das histórias selecionadas pelos participantes e aprovadas pela equipe pedagógica na instituição de ensino básico no município de Cascavel - PR. Para desenvolver as atividades os participantes do projeto de extensão utilizaram-se de fantasias, recursos lúdicos e objetos para materializarem aquilo que a imaginação dos pequeninos (0 a 5 anos) ainda não era capaz de lhes apresentar. A metodologia utilizada está respaldada em uma pesquisa de revisão bibliográfica e para a discussão teórica foram abordados diversos autores, em destaque, Cardoso (2016); Barreiros (2015); Cachoeira (2014); Ribeiro (2010); Koch e Elias (2006) e Cortes (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Projeto de Extensão; Contação de Histórias; Formação de leitores.

"FOR MANY AND MANY YEARS...": FROM STORYTELLING TO THE FORMATION OF CHILD READERS

ABSTRACT: The respective work presents a discussion about the role of reading and storytelling for the training of readers and how this instrument can be used by teachers in the classroom. As well as, we describe in the form of an experience report, the participation and performance of the authors, as storytellers, in the extension project entitled "Once upon a time: the art of enchanting children by storytelling." Held between the dates 09/09 to 14/10 of 2019, at the State University of Western Paraná - UNIOESTE and the Municipal Center for Early Childhood Education - CMEI Clarisse Paganini, in the municipality of Cascavel - PR. The project aimed to develop activities that stimulate the imagination and arouse interest in reading in the little ones. Thus, storytelling was listed as a fundamental activity in the application of the Project. The same aroused great commotion and participation by children who in each paragraph yearned for the outcomes of the stories selected by the participants and approved by the pedagogical team in the elementary school in the city of Cascavel - PR. To develop the activities the participants of the extension project used fantasies, playful resources and objects to materialize what the imagination of the little ones (0 to 5 years) was not yet able to present to them. The methodology used is supported in a literature review and for the theoretical discussion were addressed several authors, highlighted, Cardoso (2016); Barreiros (2015); Cachoeira (2014); Ribeiro (2010); Koch and Elias (2006) and Cortes (2006).

KEYWORDS: Extension Project; Storytelling; Training of readers.



1 INTRODUÇÃO

Há muitos e muitos anos a contação de histórias faz parte de nossas vidas. Com civilização, ou não, os povos têm se utilizado das histórias como instrumento da conservação de seus costumes, ou mesmo da difusão de seus processos culturais. Nesta perspectiva desde o nascimento de nossos ancestrais somos inseridos nos ideais e nos costumes culturais/sociais por intermédio da linguagem grafada, os livros e também pelas histórias orais perpassadas de geração em geração. Analisando a história da contação de histórias observamos que tal costume também era praticado na antiguidade, conforme bem ressalva Bernardino e Souza (2011, p. 236), “[...] na antiguidade a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior à escrita, apesar disso os povos se reuniam ao redor da fogueira e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e seus costumes.” Ainda segundo os autores “[...] essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertinentes à memória coletiva, destinadas, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler” (2011, p. 236).

O tempo passou e a leitura e o modo de tornar-se sujeito perante o outro se alterou. Contudo, a contação de história continua possuindo papel fundamental na formação cognitiva e mental de uma criança. Como exemplo, analisamos o livro de literatura infantil “O menino que aprendeu a ver”, da escritora brasileira, Ruth Rocha. Podemos observar que o mundo passa a ganhar sentido quando de fato nos inserimos no processo da linguagem e da leitura. O livro em questão, conta a história de João, um menino que via muitos rabiscos, mas não os entendia, nele verificamos o papel da mãe, como incentivadora no processo de ensino-aprendizagem de seu filho e o papel da professora e os resultados de suas aulas vistos pelo menino a cada passeio na rua. O livro aborda a interação social e a forma como o menino torna-se sujeito e cidadão à medida que vai aprendendo a ler. Conforme observamos no trecho que segue:



No dia seguinte, cedo, João foi para o colégio.
Quando chegaram na esquina, a mãe do João falou:
- Preciso prestar atenção que é pra não perder o ônibus...
- Pode deixar que eu presto, mãe. Pode deixar, que eu já sei ver... (ROCHA, 1998, p. 34).

Na citação acima, percebemos a constituição de sujeito e de cidadão que o menino João passa a ter com o processo da alfabetização “Pode deixar, que eu já sei ver...” Refletindo acerca do livro compreendemos que todos nós já fomos o menino João antes de aprendermos a ler e que a arma mais poderosa para nos ajudar a ver o mundo é a leitura, é ela que nos torna e nos constitui enquanto sujeitos. A partir disso, observamos que a contação de histórias pode ser uma ferramenta auxiliar dentro deste processo.

A metodologia utilizada neste trabalho parte de uma pesquisa de caráter qualitativo, realizando inicialmente, um levantamento bibliográfico, que conforme Manzo (1971, p. 32 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2003) "oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente" e para embasar esta discussão teórica foram abordados diversos autores, em destaque, Cardoso (2016); Barreiros (2015); Cachoeira (2014); Ribeiro (2010); Koch e Elias (2006) e Cortes (2006). Assim como, um relato de experiência vivenciado no Projeto de Extensão “Era uma vez: a arte de encantar crianças pela contação de histórias.”

Na perspectiva de apresentar ao leitor o papel fundamental que a contação de histórias desenvolve na formação de leitores, o presente artigo aborda em sua sessão primeira algumas reflexões sobre a leitura, seu papel para a formação de cidadãos críticos e observadores dentro de seus âmbitos de vivência e a função da linguagem na formação de sujeitos. Na segunda sessão, aborda-se a ancestralidade da contação de história; as influências que as famílias podem trazer para tal atividade; a



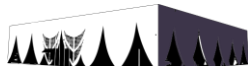
preparação para a contação de histórias, instrumentos e outros materiais; a formação de um professor para a arte do contar; os desafios enfrentados e a escola como suporte para tal procedimento. Na terceira e última sessão, descrevemos um relato de experiência na participação do projeto de extensão “Era uma vez... a arte de encantar crianças pela contação de histórias.” Essa sessão analisa a arte de encantar pela contação, mostrando por meio de imagens e grafias a repercussão que uma história contada com os aparatos pedagógicos corretos pode despertar nas crianças.

2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A LEITURA

A leitura é uma arma contra a ignorância, ela ensina e informa nos fazendo abrir os olhos para o mundo ao nosso redor. Contudo, ela é pouco incentivada em nossa sociedade, não temos o hábito de ler, e quando o fazemos, na maioria dos casos, o fazemos por obrigação, e isso se torna algo maçante e tedioso. Nesta perspectiva, analisamos que a maneira mais fácil de alterar tais costumes de leitura, deve ser no processo de letramento da criança, incentivando a leitura, e a sentirem amor por esta. Tendo em vista que todo livro apresenta um novo mundo de descobertas, e esse mundo de descoberta traz em suas entrelinhas o processo da leitura e da escrita, que segundo Barreiros (2015, p. 77) “[...] é imprescindível para a inserção cultural e social do sujeito.”

Deve-se observar ainda que a linguagem é essencial para o processo de interação social ao qual somos inseridos desde o nosso nascimento, enquanto a leitura, nesta perspectiva, nos traz a possibilidade de transitarmos em diversas áreas do conhecimento como a Sociologia, a História, a Filosofia, a Linguística e afins. Como também afirma Barreiros

Quando se entende a linguagem/língua como crucial ao processo de interação, a leitura, neste contexto, apresenta caráter interdisciplinar e aparece como foco de estudo de várias disciplinas e áreas do conhecimento



como a História, a Antropologia, a Sociologia, os Estudos Culturais, as Ciências da Cognição, a Psicologia Social, a Linguística e a teoria Literária (BARREIROS, 2015, p. 78).

Considerando que a leitura é o meio mais fácil para a interação social e cultural do sujeito, devemos enquanto cidadãos tornar o processo da leitura algo próximo de nossa realidade. Como docentes podemos estreitar os laços com a literatura, e para isso é necessário utilizar alguns materiais, cenários, fantasias e recursos lúdicos, porque o material concreto desperta o interesse das crianças. Também é importante fazermos a leitura da história para as crianças mostrando o que está por trás dos panos, as entrelinhas, explicando coisas que nem sempre estão perceptíveis.

Assim sendo, observa-se que é de extrema necessidade o “entender” a história, interpretar o contexto da história, refleti-la, compará-la, descobrir o que está escondido, e compreender que existem diversas percepções e interpretações sobre uma história. Cada pessoa compreende uma leitura de forma diferente, porque cada uma interpreta de acordo com suas experiências e vivências sociais, portanto um único livro, lido por pessoas diferentes pode trazer milhões de significados diferentes. Conforme também é observado por Castilho (2017, p. 2), “não existe criatura sobre a face da terra que não reflita todo dia sobre a própria língua, embora nem sempre se dê conta disso”. E a leitura é tida por seu processo de interpretação, onde o sujeito analisa a sua própria língua.

Ainda nesta perspectiva, analisamos que a linguagem é a responsável por articular nossas relações uns com os outros, nos constituindo assim como sujeitos frente aos demais. Em uma releitura sobre Bakhtin e Volochínov (1929; 1997), a escritora e pesquisadora Barreiros (2015, p. 78), analisa que “ao reconhecer a natureza social da linguagem, admitimos o caráter dialógico e interacional da língua e mais, que a língua reflete as relações sociais dos falantes não como estáveis, mas relativamente estáveis”. Ou seja, construímos nossa própria língua todos os dias, a partir das nossas relações sociais de existência.



Ainda analisando o processo de interpretação, segundo Barreiros (2015) e (KOCH; ELIAS, 2006),

O texto apresenta-se como produto lógico da representação mental do produtor e, no processo de leitura, cabe ao leitor, sem considerar as suas experiências já adquiridas, aprender as intenções do autor reveladas no texto. Trata-se de uma leitura cujo foco está no autor (BARREIROS, 2015, p. 80).

Conforme observamos na citação acima, mesmo com todo o processo sócio-histórico vivenciado pelo leitor, cabe a este absorver as ideias do autor que são apresentadas na grafia do texto. Neste processo o foco está inserido no autor, que está difundindo seus conhecimentos pela escrita. E o leitor nesta análise soma em seus conhecimentos tais ideais e formas de interpretar o meio social e cultural ao qual vive.

Neste meio, a leitura caracteriza-se como uma formadora de opiniões, onde o leitor absorve ideias, que somadas ao seu processo sócio-histórico o tornam mais críticos, formando seres pensantes capazes de entender e transformar a sociedade a qual estão inseridos.

Observando as definições dadas à palavra leitura, percebemos que o ato de ler é importante enquanto fator de construção do sujeito na sociedade, que a leitura deve ser sentida como necessidade do ser humano e que é uma ação que acontece aos poucos, a qual deve ser exercitada desde cedo. Que dependendo do conhecimento do leitor assim ele construirá seu significado para o que ler. Portanto, a bagagem de conhecimento trazida pelo leitor o auxiliará na compreensão e na relação com a realidade do mesmo (ROZÁRIO; SBALQUEIRO, 2008, p. 7).

Contudo, para que de fato formemos cidadãos pensantes e críticos, é necessário primeiramente analisar que “na sociedade do espetáculo aquecida pelos meios de comunicação de massa, o livro deixou de ser fonte do saber: reduziu-se à ligeireza de uma notícia” (LUCAS, 2001, p. 16) e que os professores enfrentam



diversas questões sociais e políticas para a escolha dos livros que formam os sujeitos pensantes. Como meio de solução, os docentes podem articular as histórias, pensando no processo de contação de histórias, com os conteúdos escolares, pois toda história contém aprendizado, apesar da leitura para distração ser essencial, ler para aprender é ainda melhor. E toda história tem algo que pode ser trabalhado em sala de aula e muitas vezes o professor não sabe como fazer essa relação, isso é algo que deve ser aprimorado e pensado.

A prática da leitura deve começar na escola, mas nunca terminar nela, ela deve ser porta de entrada para o aprendizado de uma prática de leitura prazerosa e espontânea. Conforme analisa Rozário e Sbalqueiro (2008, p. 6), “[...] a leitura é participação e transformação enquanto sujeitos históricos que somos”. Quanto mais lermos, melhor compreenderemos o mundo e melhor nos relacionaremos com ele, verificando sempre que somos sujeitos históricos neste processo.

3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Na sociedade atual, na era digital em que vivemos, ler e ouvir histórias é algo raro, pois isso é trocado facilmente pela tecnologia, vídeos, jogos e desenhos digitais. Os pais dificilmente contam histórias para seus filhos, preferem presentear-los com tabletes, celulares e vídeo games. Portanto, ter a atenção de seus alunos na sala de aula é um desafio para o professor. Mas por mais que nossa sociedade tenha evoluído, a contação de histórias ainda é algo essencial para despertar apreço pela leitura e desenvolver o senso crítico dos alunos. Assim diz Ribeiro (2010, p. 7), “na infância, a narrativa de histórias amplia a aquisição de conhecimentos e experiências das crianças, desperta a criatividade, a imaginação, a atenção e principalmente o gosto pela leitura.”



A escola deve ser um espaço de descobertas, tanto de novos conhecimentos, quanto de autodescoberta, encontrar sua personalidade, talentos, sonhos e anseios. Dessa forma, a leitura e a contação de histórias são práticas que dão a possibilidade de ter sonhos, de fugir da realidade e ao mesmo tempo estar ligado a ela, de poder transformar, de exercitar tanto o lado criativo e artístico, quanto o crítico. A contação de histórias abre janelas e portas para enxergarmos o mundo com mais clareza e a escola deve incentivar esta prática, é na escola que aprendemos a ler nossas primeiras palavras, é a escola que nos mostra que somos capazes de conhecer e compreender o mundo de forma melhor.

Para contar uma história de maneira que haja aprendizado, devemos nos preparar, escolher com antecedência, lermos e apreciarmos a história antes de contar para as crianças, é também necessário escolher uma história que tenha relação com os interesses e a faixa etária das crianças para quem iremos contar. Também é importante que ao escolher uma história, o professor leve em consideração a realidade na qual a criança está inserida. E por fim, prepare os materiais, livros, fantasias, cenário, recursos de que necessite para deixar a história ainda mais interessante, não se esquecendo de ensaiar as falas e entonações de vozes, de criar um clima de suspense e mistério, deixando dúvidas e abrindo questionamentos após o término da história (CORTES, 2006).

Muitas vezes o professor não tem habilidade em contar histórias, ou tem vergonha de se expressar, mas isso é resultado das lacunas deixadas em sua formação. É importante que o professor saiba como contar uma história, e como relacioná-la com a realidade em que seus alunos estão inseridos e com os conteúdos escolares. Pois, a leitura amplia o universo da criança, motiva a formação de um leitor, e por isso o contador deve dominar a arte do contar. Segundo Cortes, o contador deve se envolver na narrativa:



Quem conta tem que criar o clima de envolvimento, de encanto... saber dar as pausas, o tempo para o imaginário da criança construir seu cenário, visualizar os seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei e tantas coisas mais (CORTES, 2006, p. 82).

Para cativar um aluno a gostar de ler e ouvir histórias, o professor primeiramente deve gostar dessa prática, contar a história com entusiasmo. O professor deve ser também um leitor, para que as crianças possam se identificar e sentirem-se motivadas a se tornarem leitores ávidos.

O professor deve, da mesma forma, ler e envolver-se na história, ou seja, deve ser também um contador de histórias. Ao contar histórias o professor, além de um modelo experiente de leitor, tem conhecimento didático e pedagógico, capaz de fazer inferências acerca das histórias contadas e sua relação com o cotidiano escolar coletivo e individual de cada estudante (CACHOEIRA, 2014, p. 15).

Segundo Cortes (2006), para contar uma história devemos primeiramente ter lido a história antes, conhecendo a narrativa antecipadamente. A voz é um ponto chave para a contação de histórias, devemos estar atentos com a clareza das palavras, a entonação e mudanças de vozes de um personagem a outro, a forma de expressão e a musicalidade. Por conseguinte, o corpo também fala, então devemos cuidar dos nossos gestos e expressões, mostrar aos nossos espectadores as verdadeiras emoções sentidas e vivenciadas na história, para que assim se sintam estimulados a entrar no mundo da imaginação. O contador não deve apenas instigar a imaginação de quem o ouve, mas também deve ser um imaginador e criador, pois, muitas vezes a história requer improviso, e isso deve acontecer de uma forma espontânea, para que a história não perca o sentido.

Através da contação de histórias sentimos vários tipos de emoções, e podemos nos sentir representados na história, adquirimos coragem para resolver nossos problemas e conflitos, e aprendemos muitas lições e valores.



Pois, é ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (SANTOS; SOUSA, 2017, p. 1).

A contação de histórias é crucial para o desenvolvimento cognitivo e mental da criança, por meio dela os pequenos desenvolvem várias habilidades, tanto individuais quanto coletivas, desenvolvendo a linguagem, fala, expressões, raciocínio, comunicação social, atenção, leitura e escrita, entre outros, e isso tudo acontece de uma forma divertida e prazerosa.

A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. [...] Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 237).

Trabalhar a contação de histórias na educação infantil é extremamente necessário, pois é a fase em que as crianças estão desenvolvendo a oralidade e a linguagem, é onde começa a se introduzir as músicas e canções infantis, os contos de fadas, os versos, as rimas, e inserir a contação de histórias nessa etapa da vida é algo enriquecedor para a criança. Pois, como cita Cardoso, a contação de histórias:

É uma ferramenta que desperta o interesse pela leitura, ajuda no desenvolvimento psicológico e moral, auxiliando na manutenção da saúde mental das crianças em fase de desenvolvimento, amplia o vocabulário e o mundo de ideias, desenvolvendo a linguagem e o pensamento, trabalha a atenção, a memória e a reflexão, desperta a sensibilidade, a descoberta da identidade, adapta as crianças ao meio ambiente, assim como desenvolve funções cognitivas para o pensamento como comparação, raciocínio lógico, pensamento hipotético e convergente e divergente (CARDOSO, 2016, p. 2).



Porém, nem todas as crianças possuem acesso a literatura, tendo em vista que vivemos em uma sociedade desigual, e que os fatores socioeconômicos também afetam a aprendizagem dos alunos. Geralmente grande parte da população só tem contato com os livros no ambiente escolar, dessa forma é necessário que a escola disponibilize esse contato com a literatura, preparando momentos de contação de histórias, salas de leitura, bibliotecas, assim como, disponibilizar livros ou maletas de leitura para que se leia com a família em casa.

Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer (MIGUEZ, 2000, p. 28).

É importante também que a escola faça um trabalho de conscientização com a família, lembrando da importância de incentivar seus filhos a lerem e de terem esse momento em família. Visto que, a história contada em família também apresenta papel fundamental na formação da criança, na escola ela reforça e aprende novas histórias, mas quando a família tem compromisso com o processo de leitura e escrita dos filhos a aprendizagem se dá de forma mais profícua.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO “ERA UMA VEZ...” A ARTE DE ENCANTAR CRIANÇAS PELA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O projeto de contação de histórias teve um olhar voltado para a imaginação e criatividade das crianças, onde os discentes puderam se relacionar na prática com esse mundo encantado dos contos de fadas, saindo um pouco da teoria da sala de aula e podendo explorar um mundo de possibilidades, diversão e muito aprendizado, através de histórias do cotidiano. Muitas vezes trabalhamos em sala de aula, lemos histórias apenas por ler, e acabamos não as contextualizando, e isso é o que deixa a história interessante. Quando saímos desse mundo tradicional de filas e carteiras,



alunos e professores, e nos tornamos protagonistas e personagens e fazemos com que nossos alunos se tornem espectadores e participantes de uma peça teatral, transformamos o conhecimento em algo fácil de ser aprendido, envolvemos as crianças em um mundo em que elas amam estar, e quando entramos no mundo delas, o conhecimento flui sem nenhuma dificuldade, porque estamos instigando sua imaginação, queremos que reflitam por si mesmas e não sejam máquinas reprodutoras de conhecimento, mas sim capazes de pensar, imaginar, criar, construir, sonhar e transformar o mundo a sua volta.

O papel da contação de histórias no âmbito acadêmico é bastante significativo, pois nos possibilita ver na prática o papel do professor e entender a importância do lúdico, da brincadeira, das dramatizações no contexto escolar, em como podemos ensinar brincando. Quando assumimos um papel diferente daquele que o aluno está acostumado a ver, (o professor), e nos tornamos princesas, príncipes, personagens, podemos prender muito mais sua atenção e fazer com que possam imaginar. Também para os discentes este projeto é uma forma de aprender se divertindo, de ver além da teoria.

A contação de histórias e a arte proporcionam alegria e conhecimento, através da arte podemos expressar nossas emoções, angústias, perspectivas e também mostrar os problemas e realidade da nossa sociedade, podemos levar aprendizados às pessoas que não tem acesso, levantar dúvidas, mudar mentes e transformar pessoas. A arte é uma forma de acalento para alma de quem realmente precisa, é uma forma de fugir dos problemas, de encontrar felicidade e afago.

Contar é encantar, a contação de história nos possibilita a instigação do imaginário, o despertar de interesses pelo mundo mágico da leitura pode ser um dos fatores fundamentais pelo qual as escolas têm implantado em seus currículos novas formas de contar histórias que já são conhecidas pelo imaginário popular. Assim, objetos, fantasias, recursos lúdicos e outros ornamentos podem ser fulcrais na forma



de contar uma história que as crianças já ouviram. Isso mexe com seu imaginário, sua curiosidade e desperta nos pequeninos um senso crítico, onde as inquietações se tornam questionadoras, transformando algo já conhecido em algo novo com o uso de recursos didáticos bem aplicados. Alguns aspectos grafados ficam visíveis nas fotos que seguem da aplicação do projeto extensionista.

Figura 01: Contação da História Os três porquinhos; Turma do Berçário II; CMEI - Clarisse Paganini



Fonte: Arquivo dos autores.

Figura 02: Contação da História João e Maria; CMEI - Clarisse Paganini



Fonte: Arquivo dos autores.

Como observado, o projeto extensionista intitulado “Era uma vez... a arte de encantar crianças pela contação de histórias”, desempenhou diversas atividades de contação, onde destacaram-se: A Galinha Ruiva; A Margarida Friorenta; Branca de Neve e os Sete Anões; Chapeuzinho Amarelo; Chapeuzinho Vermelho; João e o Pé de Feijão e Os Três Porquinhos; ressalta-se aqui que todas as histórias foram pré-



selecionadas e aprovadas pela coordenação pedagógica do CMEI Clarisse Paganini, instituição de educação infantil onde foram aplicadas as atividades do projeto. Todas as histórias foram selecionadas conforme a faixa etária das crianças, divididas nas respectivas classes de aula: Berçário, Pré I, Maternal I e Maternal II. No final do projeto, ainda pensando no processo da contação de histórias e no intuito de conscientizar/informar as crianças, o projeto realizou a peça teatral “João e Maria”, que teve por grande objetivo a conscientização das crianças em não aceitarem doces/objetos de pessoas que não fazem parte de seu convívio social.

Apesar do projeto não ter muitos participantes, alcançamos resultados positivos ao desenvolvê-lo, ver a expressão de encantamento e alegria das crianças ao ouvir as histórias e visualizar os personagens e os recursos utilizados, já fez o projeto valer a pena. Além de que, o projeto nos possibilitou voar pelo mundo da imaginação junto com as crianças e acordar nossa criança interior. Enquanto acadêmicos participantes pudemos vislumbrar um pouco da relação teoria e prática e aprender ensinando.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Atores somos todos nós e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma”, Augusto Boal. A epígrafe deste trabalho traz nas entrelinhas as discussões que o referido trabalho abordou em cada uma de suas sessões. A leitura, a contação de histórias e a experiência vivenciada pelos autores, trazendo o processo de análise entre os processos de teoria e de prática, comprovam o que Boal traz como atores transformadores. Ler é algo que vai além de uma simples leitura, ler forma cidadãos, transforma pessoas, muda rumos e transforma sonhos. Contar, enriquece o adulto que interpreta os personagens e forma leitores capazes de sonhar com um mundo melhor. A teoria e a prática fazem por intermédio da aplicação de um projeto extensionista apresentar todos os subitens analisados anteriormente e traz à tona cidadãos, estudantes em formação, que buscarão uma sociedade mais humana,



sendo mais críticos, esta criticidade construída por intermédio dos meios teóricos e dos momentos práticos vivenciados.

A leitura é uma ferramenta que atua contra a ignorância, a opressão e a barbárie, porém, como bem analisado, esta é pouco incentivada dentro da arte do espetáculo ao qual todos nós estamos inseridos, a sociedade contemporânea. Hoje, os livros são entendidos por muitos como comentários que podem trazer cientificidade para textos acadêmicos, ou mesmo tirar pequenas dúvidas de situações corriqueiras que ficam com informações incoerentes e/ou vagas no meio digital. Contudo, poucos sabem a real ferramenta de poder que um livro pode ser. Ele é a munição mais poderosa que qualquer sujeito poderá ter em sua vida. O livro é o único meio de transitar pelas mais diversas áreas do conhecimento sem ao menos sair de casa, sem falar nos diversos mundos de fantasia e magia que somente a leitura pode nos oferecer. O livro não tem idade, ele nos molda e nos torna seres diferentes daqueles que o abriram há horas ou meses atrás.

Nestas perspectivas também analisamos a linguagem e seu papel constituinte de sujeitos e, verificamos os sujeitos históricos que somos e os cuidados que devemos tomar para os contextos de produção e os contextos de uso de uma grafia, pensando exclusivamente em seu caráter científico.

Ressalta-se ainda que a leitura precisa ser iniciada na escola, porém, esta não deve ficar restrita apenas aos espaços acadêmicos e escolares, ela deve estar em total circulação. As crianças precisam mais que nunca de pais e avós, familiares, que incentivam e contem histórias para despertar sua curiosidade. Neste processo a escola e o professor servem de mediadores do processo de ensino-aprendizagem, guiando os pequeninos neste mundo novo que estão conhecendo aos poucos, o mundo da leitura.

A contação de histórias é algo que vem de nossos ancestrais, como mencionado anteriormente, somos sujeitos históricos. Averiguando tal escrita,



analisamos que a contação de histórias traz introduzida em suas entrelinhas as práticas sociais e os modos de cultura que as gerações passadas perpassam, seja por ordem imaginária, seja pelo convívio social ou pela formação/constituição de sujeitos.

Assim sendo, contar, ler ou interpretar as histórias para as crianças deve ser algo primordial para o seu processo de formação enquanto sujeito. Pois nela vemos o traçar de uma cultura e a iniciação dos sujeitos na linguagem, na leitura e subsequente na escrita.

E como aplicar todos os processos teóricos em processos práticos e formar de fato cidadãos críticos capazes de transformar a sociedade em que vivem? Todavia, compreendemos conforme abordado no artigo, que o processo de leitura não acontece em um meio mágico e sim com muito esforço. Atualmente a grande maioria dos pais prefere comprar presentes ou aparelhos digitais para seus filhos do que adquirir um ingresso direto ao mundo da magia e da fantasia, um livro. Contudo, devem ser analisados os diversos fatores sociais para tais escolhas: os professores estão de fato sendo formados para contarem histórias, incentivarem leituras, eles possuem tempo hábil dentro de seus planos de aula para a inserção de atividades com fantasias e outros materiais pedagógicos? Todos os pais de fato têm condição para a aquisição de um livro? Qual é o real papel da escola nesta perspectiva?

Sabendo que a contação de histórias é algo crucial e muito importante para o desenvolvimento cognitivo e mental das crianças e com tantas indagações que os discentes e docentes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE vinham fazendo. O projeto de extensão teve por objetivo analisar as aproximações e distanciamentos que as teorias e as práticas possuem. Também, refletir sobre a formação dos acadêmicos/docentes para trabalharem a contação de histórias voltada para a formação de leitores críticos e conscientes.



O projeto foi aplicado com sucesso e teve diversas manifestações de agradecimento e elogios por parte de participantes, da UNIOESTE e do CMEI - Clarisse Paganini, que auxiliou e ajudou desde a escolha teórica até a aplicação prática da referida atividade. Este projeto, contribuiu de forma enriquecedora para a formação acadêmica dos participantes, servindo de base para reflexões sobre a nossa prática leitora e como formaremos novos leitores a partir do que conhecemos das histórias e da capacidade que temos de criar e inventar.

REFERÊNCIAS

BARREIROS, R. C. A leitura nos estudos lingüísticos e literários: cenário teórico. *In*: COSTA-HÜBES, T. da C. **Práticas Sociais de Linguagem: reflexões sobre a oralidade, leitura e escrita no ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

BERNARDINO, A. D.; SOUZA, L. O. de. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educere Et Educare** Cascavel, v. 6, n. 12, jul./dez. 2011. Disponível em:
<http://saber.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/viewFile/4643/4891>. Acesso em 12 fev. de 2020.

CACHOEIRA, J.; BARREIROS, R. C. **A contação de histórias e suas implicações na formação de leitores**. Curitiba: Cadernos PDE, 2014. Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_port_artigo_jucelsa_cachoeira.pdf. Acesso em: 14 fev. 2020.

CARDOSO, A. L. S.; FARIA, M. A. de. **A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil**. 2016. Disponível em:
<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/ARTIGO-ANA-LUCIA-SANCHES.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2020.

CASTILHO, A. T. de. O que se entende por língua e linguagem? **Museu da língua Portuguesa**, São Paulo, 2017. Disponível em:



<http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/O-que-se-entende-por-li%C3%A7%C3%A3o-de-lingua-e-linguagem.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.

CORTES, M. O. **Literatura infantil e contação de histórias**. Viçosa: CPT, 2006.

SANTOS, M. do C. dos; SOUSA, R. de K. M. de A. **Contação de histórias: IV SINALGE - Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais**. Campina Grande, PB. 2017. Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/revistas/sinalge/trabalhos/TRABALHO_EV066_MD1_SA18_ID1242_14032017203027.pdf. Acesso em: 15 fev. 2020.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. E. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto. 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. ISBN 85-224-3397-6.

LUCAS, F. **Literatura e comunicação na era da eletrônica**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, S. P.; PEREIRA, M. M. do C. **A contação de história na Educação Infantil**. Pergaminho, n. 5, p. 16-25, dez. 2014. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/8884015-A-contacao-de-historia-na-educacao-infantil.html>. Acesso em: 21 fev. 2020.

MIGUEZ, F. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

RIBEIRO, E. **A Contribuição da Contação de Histórias para a Aprendizagem na Educação Infantil**. Curitiba, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7821873-Universidade-tuiuti-do-parana-elisa-ribeiro-a-contribuicao-da-contacao-de-historias-para-a-aprendizagem-na-educacao-infantil-curitiba-2010.html>. Acesso em: 21 fev. 2020.

ROCHA, R. **O menino que aprendeu a ver**. 2. ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.



ROZÁRIO, M. N. V.; SBALQUEIRO, A. **Escola e ensino-aprendizagem:** questionamentos, teorias, estudos e práticas. São José dos Pinhais, 2008.
Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/395-4.pdf>.
Acesso em: 22 fev. 2020.

Recebido em: 13-12-2022

Aceito em: 20-12-2022

